

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E
EDITORACÃO

CAIO CÉSAR PEREIRA DOS SANTOS

Sob a lente das trincheiras

São Paulo

2024

CAIO CÉSAR PEREIRA DOS SANTOS

Sob a lente das trincheiras

Podcast de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador(a): Prof(a). Dr. Vitor Sousa Lima Blotta

São Paulo

2024

*Para meus pais,
aqueles que me mostram todos os dias como ver a beleza de nosso mundo e me ensinam que,
apesar de todos os problemas, podemos lutar para transformá-lo em um lugar melhor.*

AGRADECIMENTOS

Como dizem que somos o amálgama de cada pessoa que passa por nossas vidas, tenho a agradecer a muitas pessoas, porque sem elas eu não teria chegado até aqui.

Quero começar agradecendo ao meu gato Binx, que me fez companhia desde o momento em que comecei a estudar para o vestibular e entrar na USP, até as noites em claro fazendo trabalhos e este projeto final de conclusão de curso.

À minha psicóloga Magaly, por ter me ouvido e ajudado a acalmar minha incansável mente, principalmente durante os difíceis anos da pandemia. Obrigado por ter ajudado a tratar o coração e a cabeça de uma pessoa extremamente ansiosa.

Aos professores da Universidade de São Paulo, tanto os da ECA quanto os de outros institutos, gostaria de expressar meu agradecimento. Um agradecimento especial ao meu orientador, o Prof. Vitor Sousa Lima Blotta, que me acompanhou desde o primeiro semestre do curso. Muito obrigado pelas aulas, ensinamentos, conselhos e conversas ao longo de toda a faculdade. Agradeço também pelo acolhimento, amizade e pela paciência, mesmo quando entreguei vários trabalhos de última hora.

Ao meu grupo de Teatro, o Espaço Ousadia, e a todas as pessoas e amigos que conheci por lá, especialmente Ericka Capela, Gilberto Pereira e meu grande amigo Thiago Cardoso. Se finalmente decidi trabalhar com comunicação, foi em grande parte graças a vocês. Obrigado por terem me ajudado a me tornar um cidadão com consciência política e social, e por conseguirem tirar de dentro de um garoto tímido e esquisito, um rapaz que queria voar pelo mundo.

Aos meus amigos do estágio na Revista Superinteressante, agradeço por todas as dicas, paciência, acolhimento e ajuda em tudo, especialmente durante os últimos semestres da faculdade.

A todas as pessoas que conheci durante esses 6 anos na USP: as pessoas do Jornal da USP, que me ajudaram a me preparar como um bom profissional e que enxergaram em mim um grande potencial para o futuro; Luisa Hirata e todos os meus amigos e amigas feitos durante a faculdade; os colegas de trabalhos, de bandeirão, de estágio, de festas e de todos os outros momentos na universidade.

Um agradecimento especial aos meus dois grandes amigos da USP, Erick Lins, que apesar de palmeirense, é meu nobre parceiro em quase tudo desde o primeiro dia na universidade e companheiro em praticamente todos os trabalhos, e Anderson Lima, meu grande

amigo e parceiro de nerdices, ideias, projetos e tudo mais que nossa cabeça é capaz de criar. Agradeço à USP por ter me proporcionado amizades que levarei para a vida inteira. Obrigado por todos os momentos, meus irmãos; a faculdade não teria sido a mesma sem vocês. O futuro é nosso.

A todos os meus amigos em Mogi das Cruzes, São Paulo, Atibaia, Rio de Janeiro, etc. Principalmente à minha grande amiga Caroline Alves, que foi a primeira a enxergar e acreditar que aquele rapaz inseguro da adolescência tinha capacidade para passar e estudar em uma das maiores universidades do mundo. Sem a sua confiança ilimitada em mim e seu apoio, eu jamais teria entrado e me formado aqui.

Aos meus irmãos de alma do grupo dos Marotos, em especial ao meu amigo de aventuras Wellington Bauman, pelas conversas, risadas e desabafos, principalmente no último semestre da faculdade. E ao meu grande e fiel amigo da Grifinória, Andrew Satil, que me aconselha, ajuda, apoia, acompanha e enche o meu saco em praticamente todos os momentos desde os 11 anos de idade. Juntos chegamos até aqui, e tenho certeza de que juntos construiremos um grande futuro, meus amigos.

Aos meus primos, primas, tios, tias, madrastra, minha irmã Joana e todas as demais pessoas da minha família. Minha família é bem grande, e seria uma longa lista para citar todos aqui, mas agradeço a cada um de vocês. Gostaria de deixar um agradecimento especial para minhas tias Kátia e Janete, por sempre me inspirarem com palavras de esperança, e para meus tios Marcos, Sérgio e meu padrinho Tarcísio Jr, por sempre me incentivarem a estudar e entender que isso é algo que vale a pena.

A todos os meus antepassados e todas as pessoas que, infelizmente, não puderam viver o suficiente para estar presentes neste momento, como minha madrinha Luzia, meus avôs Tarcísio e Martinho, e minha avó Joana.

Ao meu padrasto, personal trainer e companheiro de corrida, José Luiz, por sempre me incentivar a fazer atividade física e por me socorrer com minha moto e em qualquer outra situação, a qualquer hora e em qualquer lugar. Obrigado por sempre estar lá para mim quando eu preciso. Considero você como um pai. Muito obrigado por tudo.

A minha amada avó Ana Maria, por me fazer companhia e cuidar de mim durante todos os anos de faculdade. Obrigado pelo seu cuidado, amor, paciência e preocupação infinita. Pela senhora, enfrentaria todos os dias quantas horas de transporte público fossem necessárias e iria a pé do Rio a Salvador. A senhora é o pilar de tudo isso.

À minha sempre companheira, melhor amiga e pessoa que carrega metade do meu coração, minha irmã Ana Clara. Obrigado por me acolher, abraçar, brincar e me ouvir sempre,

principalmente nos momentos difíceis das crises de ansiedade e pânico. Obrigado por dividir o par de tênis comigo desde o momento em que aprendi a andar. Estaremos sempre ligados, independente da distância, e eu sou e sempre serei seu maior fã.

E, finalmente, às pessoas mais importantes da minha vida e à razão de tudo o que faço: meus pais e heróis, Laide Aparecida e Martinho Lutero. Obrigado por tudo que vocês me ensinaram e continuam ensinando. Obrigado pela paciência, carinho, amor, confiança e apoio incondicional em todos os momentos da minha vida, principalmente nas várias vezes em que eu decidi mudar de faculdade. Se eu sou um ser humano minimamente melhor e se sou um bom paciente, aluno, profissional, cidadão, amigo, parceiro, primo, sobrinho, neto, irmão e filho, é com certeza por causa de vocês.

Obrigado, mãe, por ter me ensinado que ser uma pessoa boa e gentil não é um problema ou uma fraqueza. E obrigado, pai, por ter me ensinado a ter orgulho da nossa cor e a não abaixar a cabeça para ninguém. Vocês são o farol de luz e a bússola que me guiam nessa jornada nos mares da vida, sem os quais nada faria sentido. O mundo seria um lugar melhor se existissem mais pessoas como vocês nele, e não há palavras suficientes para que eu possa agradecer.

O difícil caminho para as estrelas e a grandeza se inicia através de pequenos começos. E prometo a vocês: eu estou só começando.

*Apoiar à coragem onde há medo, promover o acordo onde existe conflito e inspirar
esperança onde há desespero.*

Nelson Mandela

RESUMO

Resumo: O trabalho de conclusão de curso é um podcast em dois episódios sobre a vida dos correspondentes de guerra. Grande parte dos trabalhos sobre jornalismo de guerra fala muito sobre jornalismo, mas pouco sobre o próprio jornalista. Desta forma, o podcast entrevista quatro correspondentes com experiências e caminhos diferentes sobre as suas experiências cobrindo conflitos armados ao redor do mundo. Ao longo de dois episódios, o podcast irá explorar as origens da profissão, o que leva um repórter a ir cobrir conflitos, os riscos, as dificuldades, as consequências que isso pode ter na vida dos correspondentes e qual a importância dessa profissão.

Palavras-chave: Correspondente de guerra. Podcast. Guerra. Conflitos armados. Jornalistas.

ABSTRACT

Abstract: The final project is a podcast in two episodes about the lives of war correspondents. Much of the work on war journalism focuses heavily on journalism itself, but little on the journalists. Thus, the podcast interviews four correspondents with different experiences and backgrounds about their experiences covering armed conflicts around the world. Over two episodes, the podcast will explore the origins of the profession, what motivates a reporter to cover conflicts, the risks, the challenges, the consequences for the correspondents' lives, and the importance of this profession.

Key-words: War correspondent. Podcast. War. Armed conflicts. Journalists.

SUMÁRIO

1 Ficha Técnica

2 Introdução

3 Justificativa

4 Objetivos

5 Metodologia e desenvolvimento

6 Considerações finais

7 Referências

Anexos

1 FICHA TÉCNICA

Título do Podcast: Sob as Lentes das Trincheiras

<https://open.spotify.com/show/6r9nSirbeUAaIGhTiGRedd>

Episódio 1: A guerra tem olhos de jornalistas – 28min 42s

Episódio 2: As cicatrizes invisíveis da memória – 37min 16s

Ano: 2024

Direção: Caio César Pereira

Produção: Caio César Pereira

Roteiro: Caio César Pereira

Edição: Caio César Pereira

Apresentação: Caio César Pereira

Participação de: Denise Odorissi, Yan Boechat, Michel Gawendo, Henry Galsky e Luís Galeão da Silva.

Locuções adicionais de: Caroline Alves

Orientação geral: Prof. Dr. Vitor Sousa Lima Blotta

2 INTRODUÇÃO

Não se sabe exatamente quando teve início a profissão do correspondente de guerra. Na antiguidade existiram algumas histórias de guerra, como a *História da Guerra do Peloponeso*, publicado por Tucídides nos anos finais do século V antes da era comum. Ou até mesmo algumas guerras descritas por Heródoto, considerado hoje como o pai da história.

Entretanto, provavelmente todos os conflitos relatados por eles foram feitos após os acontecimentos, de forma que eles não são considerados de fatos como correspondentes de guerra. O primeiro jornalista de fato a ir cobrir uma guerra foi o irlandês William Howard Russell, que em 1854, foi enviado pelo jornal britânico *The Times*, para cobrir os acontecimentos da Guerra da Crimeia, na península da Crimeia, no Mar Negro. Ele é considerado oficialmente o primeiro correspondente de guerra da história.

O fim da Guerra Fria em 1991, e o crescimento da globalização entre os anos 90 e o começo dos anos 2000, fez com que os conflitos ao redor do mundo deixassem de ter um caráter mais global para se tornarem mais regionais. Desde os anos 90 até agora, mais de 400 conflitos armados ocorrem em todo o planeta.

Em seu livro *Understanding Power*, de 2002, o linguista, sociólogo e filósofo norte-americano Noam Chomsky, explica que parte desse processo do crescimento das guerras regionais está ligada a atuação das grandes potências. Após as baixas em guerras, como a do Vietnam, grandes potências, como os Estados Unidos, passaram a financiar grupos armados locais. Isso foi feito de forma a manter o controle de territórios estrangeiros, ao invés de mandar soldados para missões armadas. Isso mudou após o 11 de setembro de 2001, mas quase vinte anos depois das inúmeras missões em solo no Afeganistão, as pressões sobre as ocupações fizeram com que os Estados Unidos voltassem a financiar milícias e grupos armados locais. A lógica é que não vale a pena fazer uma guerra grande, e sim, disputar territórios com outras potências em conflitos localizados.

Atualmente, de acordo com dados da Academia de Genebra de Direito Internacional Humanitário e Direitos Humanos (centro de Pós-Graduação da Universidade de Genebra e do Instituto de Altos Estudos Internacionais e do Desenvolvimento, ambos na Suíça), mais 110 conflitos armados estão ocorrendo no mundo neste momento. Destes, pelo menos 45 estão no Oriente Médio e Norte da África, 35 na África, 21 na Ásia, sete na Europa e seis na América Latina.

Com a globalização e com tantas guerras acontecendo ao redor do mundo, o impacto dos correspondentes de guerra se tornou ainda mais significativo. Hoje, com a internet e as redes sociais, as notícias se espalham rapidamente e alcançam um público global. Isso aumentou a demanda por esses profissionais, fazendo com que correspondentes internacionais, dependendo do local de atuação, passassem também a cobrir alguns eventos bélicos.

A cobertura desse tipo de evento, entretanto, acarreta diversas consequências para os correspondentes. Diversos estudos já mostram que jornalistas acabam sofrendo dos mesmos problemas psicológicos dos soldados que retornam de missões militares. Algumas outras mostram que os correspondentes de guerra têm uma probabilidade igual ao dos combatentes veteranos a desenvolver transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), sem muitas vezes perceberem que sofrem desse transtorno.

O programa *Dart Center for Journalism and Trauma*, da Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia, agrega várias pesquisas sobre as consequências psicológicas do ofício do jornalista, os riscos ocupacionais para os profissionais que cobrem eventos traumáticos como guerras, e os fatores de risco que podem agravar esses efeitos.

Uma pesquisa de 2024 sobre correspondentes de guerra paquistaneses, e publicada no periódico acadêmico *Journalism Practice*, por exemplo, mostrou que grande parte dos jornalistas entrevistados não conseguia compreender o real impacto de cobrir eventos traumatizantes, pois estavam agitados e tomados pela adrenalina da guerra. Os jornalistas de conflitos percebiam o TEPT como depressão, ansiedade, insônia e lembranças intrusivas dos eventos após a exposição a eventos traumáticos. Aqueles que acabaram sendo expostos a decapitações ou a morte de mulheres e crianças, se sentiram mais vulneráveis e percebiam o TEPT como tendo uma espécie de efeito entorpecente sobre eles.

Em 2017, um estudo realizado por pesquisadores da Universidade de Tulsa, nos Estados Unidos, revelou que a exposição prolongada e intensa a eventos traumáticos relacionados ao trabalho são fatores de risco estatisticamente significativos para desenvolver TEPT. Resultados semelhantes foram observados em outra pesquisa realizada em 2021, por pesquisadores da Escola de Psicologia e Ciências Sociais da Universidade de Westminster, na Inglaterra.

A pesquisa mostrou que os jornalistas que cobrem eventos noticiosos traumáticos, não só podem desenvolver sintomas de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), como sugere que aqueles que trabalham em áreas de conflito experimentam níveis significativamente mais altos de TEPT.

3 JUSTIFICATIVA

A grande maioria dos trabalhos, cursos, palestras e aulas envolvendo jornalismo de guerra, tem um grande foco no exercício do jornalismo, mas pouco foco no profissional jornalista. Lembro em 2022, quando começou a guerra na Ucrânia, de assistir as coberturas feitas por jornalistas em Kiev e outras cidades afetadas pela invasão russa.

Em uma das entradas de um determinado repórter, um míssil explodiu em um prédio relativamente próximo de onde o repórter se encontrava. Vendo aquela cena, comentei com a minha mãe que estava ao meu lado que um dia poderia ser eu cobrindo um evento daqueles. O susto e reprovação imediata dela me fez questionar o seguinte: como as famílias dos correspondentes de guerra lidam com os filhos trabalhando e vivendo em situações de risco como aquela?

Esse foi o estopim de todo o trabalho, que me levou a questionar como esses profissionais escolhem sair de uma confortável e cômoda redação, para ir cobrir e registrar situações de violência e sofrimento extremo do outro lado do mundo. Diante desse cenário, outra pergunta me veio a mente: vários são os estudos e reportagens sobre os traumas de guerra vividos por soldados nos campos de batalha, mas há muito pouco informação e divulgação sobre os traumas da guerra nos próprios correspondentes.

Podemos tomar como um exemplo disso Fergal Keane, renomado e multipremiado jornalista e correspondente de guerra irlandês, reconhecido por seu trabalho na rede britânica de comunicação BBC. O veterano repórter de guerra e autor de vários livros, trabalhou como correspondente para a BBC desde 1980, cobrindo diversas guerras pelo mundo, como a Guerra do Kosovo, a do Iraque, Afeganistão e o genocídio em Ruanda em 1994.

Após décadas de atividade, em 2008 ele foi diagnosticado com transtorno de estresse pós-traumático, mas só tornou público seu diagnóstico em 2020, quando decidiu se aposentar da cobertura de conflitos. Ele é um exemplo famoso que comprova o que cada vez mais pesquisas vem mostrando: que correspondentes de guerra podem ter distúrbios e consequências psicológicas por conta da guerra, como o transtorno de estresse pós-traumático.

Com uma profissão tão importante e com tantos riscos para os profissionais, existe alguma forma de se preparar para cobrir uma guerra? É possível fazer alguma preparação psicológica para isso? E de que forma os correspondentes conseguem lidar constantemente com cenários de violência e com pessoas em situações extremamente delicadas de sofrimento?

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

I. Mostrar como são algumas situações da vida de um correspondente de guerra.

4.2 Objetivos Específicos

I. Entender o que faz um repórter virar um correspondente de guerra.

II. Verificar se há uma preparação técnica e psicológica para cobrir um conflito armado.

III. Explorar como esses profissionais conseguem lidar com cenários de violência e com pessoas em situações delicadas de sofrimento.

IV. Destacar quais as consequências psicológicas que esses profissionais podem manifestar após cobrir uma guerra.

5 METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

Eu havia decidido que faria um trabalho no formato de podcast antes mesmo da escolha do tema. Na minha última graduação, eu não tive outra opção a não ser fazer um trabalho de conclusão de curso no formato de uma monografia. Porém, quando descobri que meu trabalho final no curso de jornalismo poderia ser em formatos diferentes, eu prontamente havia decidido que iria explorar isso de alguma forma.

Como sou um ávido consumidor de podcasts, e realizei grande parte dos meus trabalhos durante o curso nesse formato, me pareceu natural escolher ele como o formato de meu último trabalho. Além disso, através dele eu queria passar uma sensação de imersão em determinados trechos para os ouvintes, e conseguiria fazer algo que várias pessoas pudessem consumir.

Diferente de outros meios de mídia, o podcast pode ser ouvido em praticamente qualquer lugar e a qualquer momento, seja durante deslocamentos, exercícios ou até mesmo tarefas domésticas. Isso democratiza o conteúdo, e o torna acessível a uma ampla audiência que pode não ter tempo ou recursos financeiros para consumir conteúdo escrito ou visual.

O podcast exerce hoje um papel semelhante ao que o rádio desempenhava durante grande parte do século XX. Luiz Artur Ferrareto explica que, embora no início o podcast não fosse compreendido como uma linguagem radiofônica, hoje é consenso que qualquer meio de comunicação que transmite uma mensagem e informação na forma de sons é considerado uma linguagem de rádio.

“Na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma da fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada.” (Ferrareto, 2014, p. 22).

Dessa forma, devido ao baixo custo de produção e consumo, à facilidade de distribuição, à amplitude de alcance e à diversidade de estilos que eu poderia adotar dentro do mesmo programa para proporcionar imersão ao ouvinte, o podcast se mostrou a melhor alternativa para a realização do trabalho.

Escolhido o formato e o tema, passei então a conversar com meu orientador como a gente poderia estruturar o programa. Nas primeiras reuniões definimos que o projeto inicialmente contaria com três episódios, e que em cada um deles, além dos correspondentes, seriam entrevistados três especialistas diferentes.

O primeiro episódio abordaria sobre as origens da profissão, a preparação e as diferenças entre o correspondente de guerra e o jornalista incorporado (*embedded journalism*). Neste episódio, além dos correspondentes, o plano inicial era entrevistar o editor de algum jornal. No segundo, abordaríamos a questão da glamourização da profissão, a segurança e os riscos envolvidos. Aqui, junto com o relato dos entrevistados, teríamos também uma entrevista com um psicólogo, que ajudaria a explicar quais os traumas possíveis que os jornalistas podem ter ao cobrir guerras.

Por fim, no terceiro e último episódio, abordaríamos a questão dos pós-guerra dos correspondentes. Como a vida volta ao normal depois do conflito, as consequências psicológicas que eles tiveram. Aqui, além do retorno do psicólogo, também entrevistariamos algum jornalista que cobriu eventos traumáticos depois do que ele aconteceu. A inspiração foi em obras do Joe Sacco e da Daniela Arbex, como o livro *Holocausto Brasileiro*.

Após a definição da estrutura, passamos a procurar as fontes para a entrevista. Por conta dos valores da própria profissão, obter a resposta dos correspondentes foi algo um pouco difícil. O primeiro que consegui foi o correspondente Yan Boechat, ao qual me foi passado o contato através de meu orientador. Em seguida, consegui o retorno da Denise Odorissi, que além de aceitar me dar a entrevista, ainda me auxiliou com o contato de mais dois correspondentes: Michel Gawendo e Henry Galsky.

Durante o processo de procura e agendamento de entrevistas com os correspondentes, realizei uma pesquisa de informações e dados sobre a história da profissão e sobre a vida dos correspondentes de guerra. Com o auxílio do meu orientador, foram elaboradas as perguntas, e em seguida agendada as entrevistas. As entrevistas foram feitas em maio, e após realizadas, comecei a escrever o roteiro.

Durante a elaboração do roteiro, tivemos que alterar alguns planos do projeto inicial. Devido a falta de retorno dos editores e de jornalistas como a Daniela Arbex, decidimos diminuir de três para dois episódios. Assim, os episódios foram divididos da seguinte forma: no primeiro programa abordaríamos as origens da profissão, os motivos que levam os jornalistas a ir cobrir conflitos, a preparação, a glamourização e os riscos envolvidos. Já no segundo, abordaríamos sobre as questões de segurança, a preparação psicológica, as consequências do pós-guerra, a relação com a família e qual a importância da profissão.

Finalizado os roteiros, eles passaram pela revisão do orientador, e depois se deu início ao processo de edição. Comecei cortando primeiro as falas de cada entrevistado, e depois selecionei as músicas de fundo, os sons, efeitos, inserções sonoras e demais elementos que iriam

compor o episódio. Após esse processo, gravei as minhas locuções e em seguida comecei a editar e montar o programa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guerra é um elemento tão ancestral e tão profundo da natureza humana, que, para além do destino fatal da morte, sempre deixa vítimas por onde passa, sejam elas soldados, pessoas civis ou até mesmo os correspondentes de guerra. Não fosse isso o bastante, a necessidade de cobertura de tais conflitos pela mídia acaba gerando ainda outro problema que se tornou intrínseco a cobertura de conflitos armados: a espetacularização da guerra.

A espetacularização da guerra pelos veículos de mídia pode gerar várias consequências significativas, tanto para a percepção pública dos conflitos quanto para os envolvidos diretamente nas guerras. A guerra moderna se tornou uma grande ferramenta de propaganda, com os governos e grupos envolvidos utilizando a mídia para influenciar a opinião pública e justificar suas ações militares. A cobertura pode muitas vezes servir aos interesses de uma das partes do conflito, influenciando decisões políticas e militares.

Dessa forma, assim como os soldados e os civis, os jornalistas são meros peões dispostos nos tabuleiros geopolíticos ao redor do mundo. Entrincheirados em cidades desoladas pelo confronto, suas vidas muitas vezes dependem de senhores sentados em segurança em salas ovais, casas coloridas e palácios luxuosos, a milhares de quilômetros dali.

Na busca de aumentar cada vez mais a audiência, essa espetacularização acaba muitas vezes gerando uma compreensão superficial e até distorcida dos eventos e das causas subjacentes à guerra. Mas o principal problema é que, ao ser retratada como um espetáculo, o sofrimento e a destruição da guerra são transformados em uma forma de entretenimento.

Assim, a cobertura da guerra faz com que a constante exposição a imagens de violência e sofrimento, dessensibilize o público, tornando-o menos empático em relação ao sofrimento das pessoas diretamente afetadas pelo conflito. Como consequência direta dessa situação, temos repórteres se arriscando cada vez mais na busca de uma imagem ou história melhor a ser contada, que possa cativar e tocar a audiência do público mais uma vez. Como resultado disso, a exposição prolongada e constante de cenários de violência e sofrimento acarreta em consequências psicológicas, muitas vezes irreversíveis para os correspondentes em campo.

Mas além disso, parte dos problemas psicológicos que acometem os jornalistas também está em um fator intrínseco a própria profissão: a informação. Atualmente, com o advento das redes sociais e a expansão da internet, todo mundo é assolado por quantidades cada vez maiores de informações. Esse excesso de notícias e informações é chamado de infodemia.

Dentro desse grande fluxo de informações estão não só notícias e dados verídicos ou de relevância, mas também muitas outras informações contraditórias ou falsas, que se espalham de forma rápida em todos os seguimentos da nossa sociedade. Esse excesso de informações pode confundir o público e dificultar a distinção entre fatos e boatos, levando à desinformação e à perda de confiança nas fontes oficiais.

Dessa forma, os jornalistas precisam estar atentos e informados o tempo todo, causando uma sobrecarga ainda maior de trabalho. Nesse sentido, navegando em um oceano de informações o tempo todo, esses profissionais muitas vezes não conseguem ter um tempo hábil para poder descansar e acalmar a mente, de forma que a profissão do jornalista hoje exige um preparo psicológico, independente se o profissional é um correspondente de guerra ou não.

Apesar de todos os riscos e consequências envolvidos, toda a produção do trabalho me fez não só enxergar o quão importante é essa profissão para a nossa sociedade, como também entender o porquê dessas pessoas decidirem arriscar suas vidas para exercê-la. Os correspondentes de guerra funcionam como os olhos e ouvidos do mundo, trazendo e contando as histórias que, de outra forma, nunca seriam reveladas. Sem eles, diversas das atrocidades e injustiças cometidas durante a história permaneceriam nas sombras para todo o sempre.

Para encerrar e exemplificar melhor esse ponto, gostaria de citar uma das falas de Denise Odorissi durante a entrevista para o trabalho.

“A gente só sabe os horrores que aconteceram na segunda guerra mundial, por exemplo, porque isso foi reportado. Então tiveram lá os jornalistas fazendo o seu trabalho, fotógrafos de guerra fazendo o seu trabalho. E é por isso que a gente sabe o que aconteceu. É por isso que a gente sabe de que maneira isso mudou o mundo, de que isso mudou o curso da história. E a gente sabe que isso não pode acontecer de novo. Então assim, o trabalho do jornalista não é só num conflito, mas sempre. Ele existe para justamente registrar o que acontece e registrar as consequências do que acontece. Eu acho, jornalisticamente falando, que não é sobre mostrar a marca de tiro na parede, é sobre mostrar as consequências para aquela sociedade.”

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. **Understanding Power: The Indispensable Chomsky**. The New Press; 2002.

COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. **Como o Direito Internacional Humanitário protege os jornalistas em situações de conflito armado?** Disponível em: < [Como o Direito Internacional Humanitário protege os jornalistas em situações de conflito armado? - CICV \(icrc.org\)](https://www.icrc.org/pt/publications-and-documents/como-o-direito-internacional-humanitario-protege-os-jornalistas-em-situacoes-de-conflito-armado)> . Acesso em: Maio 2024.

COMITTEE TO PROTECT JOURNALISTS. **Conflito Armado**. 2024. Disponível em: < [Conflito Armado - Committee to Protect Journalists \(cpj.org\)](https://www.cpj.org/pt/conflito-armado) > . Acesso em: Maio 2024.

Correspondentes: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. organização Memória Globo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Livros, 2018.

DART CENTER FOR JOURNALISM & TRAUMA. **Mission & History**. Disponível em: < <https://dartcenter.org/about/mission-history>> . Acesso em: Maio 2024.

DART CENTER FOR JOURNALISM & TRAUMA. **Covering Trauma: Impact on Journalists**. Disponível em: < <https://dartcenter.org/content/covering-trauma-impact-on-journalists>> . Acesso em: Junho 2024.

FLANNERY, Raymond . Jr. **News Journalists and Posttraumatic Stress Disorder: a Review of Literature, 2011-2020**. Psychiatr Quarterly. 2021. Disponível em: < [News Journalists and Posttraumatic Stress Disorder: a Review of Literature, 2011–2020 - PMC \(nih.gov\)](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35888888/)> . Acesso em: Maio 2024.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio – Teoria e Prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Lei de guerra protege jornalistas, mas quase 60 já morreram em Gaza**. Disponível em: < [As regras da guerra, 4º capítulo: direitos de jornalistas - 28/11/2023 - Mundo - Folha \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/folha/mundo/2023/11/28/lei-de-guerra-protege-jornalistas-mas-quase-60-ja-morreram-em-gaza/)> . Acesso em: Maio 2024.

GENEVA ACADEMY. **Today's Armed Conflicts**. Disponível em: < <https://geneva-academy.ch/galleries/today-s-armed-conflicts>> . Acesso em: Junho 2024.

KNIGHTLEY, Phillip. **The First Casualty: The War Correspondent as Hero & Myth-maker from the Crimea to Iraq**. London: André Deutsch, 2003.

MARIE COLVIN FOUNDATION. **Truth at All Costs**. Disponível em: < [Truth at all Costs - Marie Colvin — Marie Colvin Memorial Foundation](#)> . Acesso em: Maio 2024.

MATTOS, Sérgio. **Censura de guerra: da Criméia ao Golfo Pérsico**. Salvador: Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado da Bahia, 1991.

O GLOBO. **Gaza foi o lugar mais mortal para jornalistas em 2023, aponta relatório**. Disponível em: < [Gaza foi o lugar mais mortal para jornalistas em 2023, aponta relatório \(globo.com\)](#)> . Acesso em: Maio 2024.

PSYCHOLOGY TODAY. **Journalists Can Be Nearly as Prone to PTSD as Combat Vets**. Disponível em: < [Journalists Can Be Nearly as Prone to PTSD as Combat Vets | Psychology Today](#)> . Acesso em: Maio 2024.

REDE DE JORNALISTAS INTERNACIONAIS. **A saúde mental dos jornalistas importa**. Disponível em: < [A saúde mental dos jornalistas importa | Rede de Jornalistas Internacionais \(ijn.net.org\)](#)> . Acesso em: Maio 2024.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS. **103 jornalistas mortos em 150 dias em Gaza: uma tragédia para o jornalismo palestino**. Disponível em: < [103 jornalistas mortos em 150 dias em Gaza: uma tragédia para o jornalismo palestino | RSF](#)> . Acesso em: Maio 2024.

SIDDIQUA, Ayesha; IQBAL, Muhammad Zubair. **Journalists and Exposure to Trauma: Exploring Perceptions of PTSD and Resilience among Pakistan's Conflict Reporters**. Journalism Practice. 2024. Disponível em: < [Citations: Journalists and Exposure to Trauma: Exploring Perceptions of PTSD and Resilience among Pakistan's Conflict Reporters \(tandfonline.com\)](#)> . Acesso em: Maio 2024.

THE GUARDIAN. **BBC's Fergal Keane to step down after revealing he has PTSD**. 2020. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/media/2020/jan/24/bbc-fergal-keane-to-step-down-after-revealing-he-has-ptsd>> . Acesso em: Maio 2024.

THE GUARDIAN. **The BBC's Fergal Keane: 'The breakdowns get harder to recover from each time.** Disponível em: < <https://www.theguardian.com/books/2023/aug/06/fergal-keane-bbc-war-correspondent-memoir-the-madness-ptsd>> . Acesso em: Maio 2024.

THE JOURNALISTS RESOURCE. **How journalists' jobs affect their mental health: A research roundup.** Disponível em: < [How journalists' jobs affect their mental health: A research roundup \(journalistsresource.org\)](https://journalistsresource.org/roundup/how-journalists-jobs-affect-their-mental-health)> . Acesso em: Maio 2024.

U.S. DEPARTMENT OF VETERANS AFFAIRS. **PTSD: National Center for PTSD.** Disponível em: < [Journalists and PTSD - PTSD: National Center for PTSD \(va.gov\)](https://www.va.gov/ptsd/)> . Acesso em: Maio 2024.

WARFARE HISTORY NETWORK. **The Pen & the Sword: A Brief History of War Correspondents.** Disponível em: < <https://warfarehistorynetwork.com/article/the-pen-the-sword-a-brief-history-of-war-correspondents/>>. Acesso em: Maio 2024.

WILLIAMS, Sian; CARTWRIGHT, Tina. **Post-traumatic stress, personal risk and post-traumatic growth among UK journalists.** European Journal of Psychotraumatology. 2021. Acesso em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8128116/>>. Acesso em: Junho 2024.

WIKIPÉDIA. **War Correspondent.** Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/War_correspondent#:~:text=William%20Howard%20Russell%2C%20who%20covered,the%20first%20modern%20war%20correspondent.>. Acesso em: Maio 2024.

APÊNDICE – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Correspondentes

Experiência pessoal na cobertura de conflitos

1. Como você virou/decidiu virar um correspondente de guerra?
2. Como sua família lida/lidou com isso?
3. Você fez alguma preparação?
4. Na sua opinião, como os jornalistas devem se preparar para cobrir esse tipo de evento?
5. Existe algum tipo de preparação psicológica para cobrir esse tipo de evento? E posteriormente?
6. Na sua opinião, existe uma espécie de glamourização dessa ocupação? E se sim, por quê?
7. Como lidar e presenciar constantemente com pessoas em situações delicadas de sofrimento?

A abordagem das coberturas

8. Quais conflitos internacionais que você já cobriu?
9. Quais as diferenças mais marcantes na cobertura de cada um deles?
10. Quão importante você acredita que é a cobertura de uma guerra ou de conflitos armados?
11. Você acha que os ganhos profissionais e ao interesse público compensam os riscos envolvendo coberturas de conflitos?
12. Você teve consequências/problemas psicológicos após alguma das coberturas que realizou?
13. Você considera haver diferentes abordagens de coberturas de conflito? Se sim, qual seria mais adequada e por quê?
14. Quais são os cuidados necessários para relatar situações de violência extrema em conflitos?
15. Quais são as pressões mais frequentes com que jornalistas lidam durante as coberturas?

A relação entre os veículos de comunicação e as coberturas

16. O veículo jornalístico pelo qual você cobriu os eventos disponibilizou algum tipo de seguro?
17. Alguma reportagem sua feita durante a cobertura já foi de alguma forma cortada para a exibição? Se sim, por quais motivos?
18. O veículo de mídia na qual você trabalhou possuía algum tipo de orientação na qual o jornalista deve seguir?
19. Na sua opinião, quais foram as mudanças mais importantes na forma com que veículos realizam a cobertura de guerras e conflitos armados?
20. Quais as diferenças mais importantes entre coberturas "incorporadas" (embedded) e coberturas independentes? Você identifica também semelhanças?

Psicólogo

1. Apresentação com nome e profissão do entrevistado
2. Na sua opinião, existe alguma forma de preparação para situações como cobrir uma guerra?
3. Quais os efeitos que presenciar situações traumáticas como essa pode ter?
4. Quais os sintomas e efeitos do TEPT?
5. Elas podem ser de curto prazo ou até mesmo permanentes?
6. Como tratar esse tipo de trauma?
7. Você acha necessário o acompanhamento psicológico do jornalista durante a cobertura do evento? E depois?
8. Existe uma explicação do porque algumas pessoas sentem mais medo ou se arriscam mais do que outras?
9. As pessoas se acostumam com isso? É possível que a pessoa se desensibilize ao presenciar isso continuamente?

ANEXO – ROTEIROS

Sob a Lente das Trincheiras

Episódio 1: A guerra tem olhos de jornalistas

Caio 1: Pense em um dia comum da semana, tipo, terça-feira. Agora, imagine você acordar com esses sons aqui:

[BG] - Sons de tiros, explosões.

Caio 2: Por conta das complexidades envolvendo as relações culturais e geopolíticas atuais, e muitas vezes também por um acaso geográfico, várias pessoas ao redor do mundo não têm outra escolha a não ser acordar assim. Enquanto alguns amanhecem sem conseguir dormir, outros dormem, sem jamais ver o amanhecer.

Caio 3: Mas outras, no conforto de seus lares e na segurança de sua vida, decidem ir testemunhar e informar a população sobre esse tipo de situação: os correspondentes de guerra.

[BG] - Sons de reportagens de correspondentes de guerra em diversos idiomas

Caio 4: Eu lembro quando em fevereiro de 2022, quando Vladimir Putin decidiu invadir a Ucrânia, de assistir diversas coberturas feitas por jornalistas *in loco*, e de várias cenas de locais sendo atingidos próximos de onde eles estavam. Enquanto eu ria da cara de reprovação que minha mãe fez quando eu comentei da possibilidade de cobrir um conflito do tipo, eu me fiz a seguinte pergunta: o que faz essas pessoas escolherem presenciar esse tipo de coisa?

Caio 5: O que leva um repórter a arriscar a própria vida por conta de uma notícia? Existe alguma espécie de preparação para isso? E quais as consequências psicológicas que acompanham esses profissionais durante e após o conflito?

E você? Arriscaria a sua vida pelos valores de sua profissão?

[BG] - Som crescente de um míssil atingindo e explodindo um prédio, e depois o silêncio

Caio 6: Olá, eu me chamo Caio César e sejam bem-vindos ao primeiro episódio da série "SOB A LENTE DAS TRINCHEIRAS", o podcast que mergulha no mundo da vida dos correspondentes de guerra. Aqui, ao longo de dois episódios, nós vamos explorar os desafios, as histórias e a importância desses profissionais, aqueles que acabam muitas vezes arriscando suas vidas para nos trazer as notícias dos lugares mais perigosos do mundo.

[BG] - Vinheta de Abertura

Caio 7: Apesar de seu prestígio na área jornalística atual, não se sabe exatamente quando foi que começou a profissão do correspondente de guerra. Na antiguidade, Heródoto (considerado o pai da história), chegou a contar a história de algumas guerras. Tucídides, um general e historiador ateniense, é famoso por ser autor de um dos principais relatos da Guerra do Peloponeso, no seu *História da Guerra do Peloponeso*, publicado nos anos finais do século V antes da era comum.

Caio 8: Mas como acredita-se que eles tenham escrito os eventos da guerra anos após o seu acontecimento, eles não são considerados no geral como correspondentes de guerra.

Caio 9: Apesar de ter algo parecido com correspondentes de guerra durante alguns conflitos no século 17 e 18, a primeira pessoa considerada como um correspondente de fato foi o irlandês William Howard Russell.

Caio 10: Em 1854, ele foi enviado pelo jornal britânico The Times para a península da Criméia, no Mar Negro, para cobrir e registrar os acontecimentos da Guerra da Crimeia.

Caio 11: Em seu livro *Censura de Guerra*, de 1991, o jornalista e professor Sérgio Mattos, conta que foi no período compreendido entre a Guerra Civil estadunidense e a Primeira Guerra Mundial que a imprensa de guerra se desenvolveu, e isso foi graças à ajuda do telégrafo. Ele permitiu aos correspondentes a remessa de notícias de locais distantes, despertando assim o interesse de um público ávido por informações e que contribuía para que os jornais duplicassem suas tiragens, principalmente por não haver ainda uma censura organizada na época.

Caio 12: Mas nós temos um exemplo para chamar de nosso também. Euclides da Cunha é considerado o primeiro jornalista correspondente de guerra do Brasil, famoso por ter registrado in loco os acontecimentos da Guerra dos Canudos, em 1887. Os relatos foram compilados no primeiro livro-reportagem do país, *Os Sertões*, publicado originalmente em 1º de dezembro de 1902.

Caio 13: Claro que de lá pra cá, a guerra mudou muito. Passando pelas duas Guerras Mundiais, Guerra Fria, do Vietnã, do Golfo e etc, não só a forma de se guerrear, como a de registrar e relatar os acontecimentos mudou bastante.

Caio 14: Uma coisa, no entanto, se manteve desde então: os correspondentes que continuam a arriscar suas vidas para nos informar sobre o que está acontecendo pelas “trincheiras” geopolíticas ao redor do mundo. Mas o que leva esse profissional a fazer isso?

Yan Boechat 1: [Pt 1 00:53] Então, eu sempre tive aquela coisa de sair, ver o mundo, eu tinha muita vontade disso. E... Teve dois momentos muito marcantes da minha vida, para tomar essa decisão, que um, eu tinha uns 15 anos, 16 anos, eu li um livro do Jack Kerouac, chamado *On the Road*, que ele sai de carona pelos Estados Unidos, e aquele livro me impactou muito, um livro que impacta um adolescente.

Caio 15: Esse que você está ouvindo é Yan Boechat, um correspondente de guerra e fotógrafo com mais de 20 anos de experiência na área. Apesar de hoje trabalhar como freelancer, ele já trabalhou como repórter para diversos jornais nacionais e internacionais, como Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, O Globo, Bandeirantes, The New York Times, BBC, Deutsche Welle, NBC News, entre outros.

Yan Boechat 2: [Pt 1 01:18] E a outra foi a guerra, a primeira guerra do Golfo, que foi televisada, e eu olhei aquilo e falei, porra, acho que é exatamente isso que eu quero fazer, acho que é esse o meu caminho e tal, viver a história, ver a história acontecer. E tudo mais.

Caio 16: Quando a gente fala sobre virar um correspondente de conflitos, pode até parecer algo já pensado, mas às vezes pode ser uma questão de coincidência de hora e lugar. Foi o que aconteceu com Michel Gawendo, por exemplo, jornalista freelancer em Israel, que cobre conflitos no Oriente Médio há mais de 20 anos.

Michel Gawendo 1: [Pt 1 01:32] Quando eu vim para Israel, minha ideia era sair do jornalismo, ou pelo menos não deixar o jornalismo como a função principal. Eu queria me dedicar a estudo acadêmico, eu queria estudar história, arqueologia, que eram coisas que eu gostava, mas, então, costumo dizer que não fui eu que decidi. Foi a vida que decidiu.

Caio 17: Foi de certa forma a vida que decidiu, porque em 2002, quando Michel chegou em Israel, a região estava passando pela sua Segunda Intifada. Também chamada de Intifada al-Aqsa, a Segunda Intifada foi um movimento de rebelião popular dos palestinos contra o governo israelense, que teve início quando o então líder da oposição israelense, Ariel Sharon, visitou o complexo da Mesquita de Al-Aqsa em Jerusalém, em 28 de setembro de 2000.

Michel Gawendo 2: [Pt 1 01:57] Então, eu cheguei aqui, onde, 15 dias depois que eu estava aqui, já entraram em contato comigo, pessoas, meus editores, com quem eu tinha trabalhado no Brasil, já pedindo matérias. Então, a partir daí, foram diversos conflitos, todos os conflitos do Oriente Médio, desde que eu estou aqui, desde 2002, eu cobri. Então, foi um processo natural, por estar no Oriente Médio.

Caio 18: De forma semelhante, foi o que aconteceu também com o correspondente Henry Galsky. Jornalista com mais de 20 anos de experiência, hoje ele trabalha como freelancer para a CNN Portugal, e teve a sua primeira experiência como correspondente em 2006, quando passava um período estudando em Israel.

Henry Galsky: [Áudio 2] Eu estava aqui em Israel estudando, quando aconteceu o conflito que ficou conhecido como a Segunda Guerra do Líbano, entre Israel e o Hezbollah. Eu cobri esse conflito porque eu estava aqui para a rádio CBN, e foi uma experiência incrível, foram 34 dias de conflito, foi uma guerra bastante complexa também, numa era inclusive anterior ao WhatsApp e tudo mais. Foi a minha primeira experiência. Agora, em 2023, eu já morando aqui em Israel, eu já fazia coberturas eventuais para a CNN Portugal, em especial, e aí, claro, quando houve os ataques do Hamas em 7 de outubro, eles já me chamaram, e aí eu comecei a fazer de forma frequente.

Caio 19: Com o fim da Guerra Fria em 1991, e o crescimento da globalização entre os anos 90 e o começo dos anos 2000, os conflitos ao redor do mundo deixaram de ter um caráter mais global para se tornarem mais regionais. Desde os anos 90 até agora, mais de 400 conflitos armados ocorrem em todo o planeta.

Caio 20: Com a globalização e com tantas guerras acontecendo, o impacto dos correspondentes de guerra se tornou ainda mais significativo. Hoje, com a internet e as redes sociais, as notícias se espalham rapidamente e alcançam um público global. Isso aumentou a demanda por esses profissionais, fazendo com que correspondentes internacionais, dependendo do local de atuação, passassem também a cobrir alguns eventos bélicos.

Caio 21: Em entrevista à Agência de Notícias CEUB em 2014, Carlos Fino, renomado jornalista português, explica um pouco essa transição.

SONORA CARLOS FINO: O jornalismo internacional é uma variante da reportagem, e que se afirmou logo quando a reportagem começou a surgir. Os grandes jornais dos grandes países começaram a ter jornalistas especializados na cobertura de correspondente de guerra. Na guerra civil dos EUA, na guerra da Crimeia. Isso fazia um diferencial, e até hoje, ser correspondente de guerra é distintivo, e muito atraente para muitos jovens que querem entrar na profissão do jornalismo. Mas isso, contudo, precisa de ser estudado.

Caio 22: É o caso da Denise Odorissi, por exemplo.

Denise Odorissi 1: [01:34] Eu sempre quis ser correspondente internacional, o que engloba você cobrir um conflito, se for o caso, né? Então, é assim, claro que eu tinha vontade, eu cheguei no começo de carreira a fazer alguns cursos de jornalismo de guerra, da Cruz Vermelha, algumas coisas assim, né, bem para eu entender.

Caio 23: Ela me contou, que apesar de sempre ter gostado de geopolítica e relações internacionais, cobrir uma guerra in loco não era necessariamente uma coisa planejada. Mas após mais de 20 anos de experiência como repórter e correspondente internacional, ela decidiu cobrir um conflito

Denise Odorissi 2: [02:08] Mas, assim, essa coisa de cobrir guerra, para mim, não era uma coisa, ai, nossa, eu quero muito cobrir uma guerra. Sempre foi assim, ah, se rolar de cobrir uma guerra, vai ser incrível. Mas eu perseguia muito essa coisa do correspondente internacional, entendeu?

Caio 24: Para Michel, ir para o Oriente Médio e passar a cobrir conflitos foi quase como uma espécie de chamado.

Michel Gawendo 3: [Pt 1 07:13] Eu acho que muito mais do que a preparação, ela é como se fosse uma vocação, uma vontade, uma determinação. Existe um certo tipo de jornalista que se sente atraído por esse tipo de trabalho, e não é todos que se sentem atraídos que no final conseguem também, porque quando chega, às vezes, na hora da verdade, não conseguem também.

Caio 25: Cobrir uma guerra é algo complicado, o que, por sua vez, demanda uma grande preparação tanto profissional quanto psicológica. Um outro idioma, claro, é essencial, mas tão importante quanto, é estudar a história, aprender sobre as culturas locais e treinar para situações de risco.

Henry Galsky: [Áudio 4] Os jornalistas em política internacional têm que ter uma preparação histórica prévia. Então, têm que se empenhar em estudar bastante os conflitos e tal. Esse conflito aqui, especificamente, o conflito árabe-israelense, de uma maneira mais ampla, e o conflito israelense-palestino, de uma maneira mais específica, ele é um conflito super complexo, que tem uma história longa, e que existe muita paixão, digamos assim, do público sobre ele. Então, exige uma preparação, talvez, adicional.

Não é algo que se resume, digamos assim, à questão especificamente histórica. Tem a ver também com certas emoções do público.

Denise Odorissi 3: [08:31] Ah, eu acho que, assim... Existe preparação prática, entendeu? E existe preparação teórica. Então, a preparação teórica é assim, você não vai cobrir uma guerra se você não entender aquela guerra, né? Então, pô, por que a Rússia invadiu a Ucrânia, sabe? Por que o Hamas invadiu Israel? Porque, sabe, não é porque um é bonzinho e o outro é mau, não é assim, entendeu? As coisas não são assim, exatas, não é preto no branco, sabe? Tem um contexto geopolítico, que a gente tem que entender.

Caio 26: Para além do aprendizado teórico, no entanto, a prática não tem muito o que aprender, senão estando direto no local. Muito do aprendizado do repórter em si acontece na prática mesmo, no campo de batalha muitas vezes, literalmente falando.

Yan Boechat 3: [Pt 1 05:50] Eu acho que tem um pouco como se preparar, mas eu acho que não tem como aprender sem ir, sabe? É porque é lá que você vai aprender, vai encontrar os colegas, vai ter sempre alguém generoso para te ajudar, ajudar sempre alguém que já foi também inexperiente, e muito bom senso de entender que você está num lugar diferente e ir aprendendo lentamente como é que aquele jogo se desenrola.

Caio 27: E claro, em situações tão extremas como uma guerra, o erro tem que ser minimizado ao máximo. Ainda assim, é errando que se aprende.

Yan Boechat 4: [Pt 1 08:11] É muito na prática. É muito na prática. É muito fazendo cagada, errando, vendo outras pessoas fazerem, entendendo um pouco de protocolo. Acho que é muito na prática. Tem uns cursos que são razoavelmente legais, mas se você só fizer aquele curso ali, não adianta muito.

Yan Boechat 5: [Pt 2 00:13] a gente imagina que guerra é uma coisa caótica e, depois que você vai, você percebe que guerra é um troço extremamente organizado, super tudo controlado, organizado, cheio de autorização disso, autorização daquilo, enfim, tem um monte de coisa nesse sentido.

Caio 28: Como cada conflito em si tem sua lógica própria, e protocolos a serem seguidos em todos eles, a prática é essencial, já que demanda um certo tempo para absorver tudo.

Caio 29: Alguns cursos por aqui, como o Estágio de Jornalismo e Assessoria de Imprensa em Áreas de Conflito do Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil do Exército Brasileiro, ou cursos da própria Cruz Vermelha Internacional, preparam, de alguma forma, o jornalista para cenários de guerra.

Caio 30: Através do “Projeto Repórter do Futuro”, a consultoria de projetos de comunicação Oboré também realiza cursos voltados para a cobertura de conflitos. Através do módulo Curso de Jornalismo em Guerra e Violência Armada, a iniciativa, em conjunto com a Cruz Vermelha Internacional, oferece todos os anos um curso que aborda os desafios humanitários da cobertura em situações de violência.

[BG] - Vírgula sonora

Caio 31: Mas além da parte teórica, outra coisa bem importante é possível de ser feita antes de ir sair do país e ir para a linha de frente: primeiros socorros.

Yan Boechat 6: [Pt 1 07:14] E acho que é importante aprender um pouco sobre sobre primeiro socorro, umas coisas muito simples, entender um pouco como é que você mitiga os riscos, entender um pouco como você cria maneiras ou estratégias para reduzir os riscos aos quais você está exposto.

Caio 32: Entender a cultura local, por exemplo, pode ser um grande diferencial entre conseguir uma boa reportagem e ao mesmo tempo minimizar os riscos.

Michel Gawendo 4: [Pt 1 09:04] A cultura local, para você entender também os sinais, para você entender as tendências, para você entender os perigos, entender os movimentos, entender também poder se antecipar, é muito importante no jornalismo você conseguir se antecipar. Então, é muito importante conhecer a cultura local e sempre, sempre, sempre ter um fixer, uma pessoa local.

Yan Boechat 7: [Pt 1 07:41] Não acho que é uma profissão suicida, nem de longe, mas ela é uma profissão que tem riscos e é preciso aprender um pouco com eles. E acho que essa é a melhor preparação. E, se possível, tentar ir com alguém mais experiente ou procurar informação. Porque todo mundo tem que ir pela primeira vez, não tem jeito. E se aprende assim.

Caio 33: Tal qual o correspondente internacional, o repórter de guerra é provavelmente uma das áreas de maior prestígio no jornalismo. Apesar da seriedade e dos riscos da profissão, a imagem do correspondente de guerra é frequentemente romantizada e glamourizada na própria mídia.

[BG] - Sons de falas e cenas de alguns filmes

Caio 34: E por mais que eu goste muito, filmes como a comédia de 2016 dos diretores Glenn Ficarra e John Requa *Uma Repórter em Apuros*, ou até mesmo o drama de Edward Zwick, *Diamante de Sangue*, de 2006, retratam jornalistas em zonas de conflito de maneira quase heróica, mas muitas vezes superficial. No mais recente *Guerra Civil* de Alex Garland lançado em 2024 mesmo. O personagem do próprio Wagner Moura é aquele estereótipo típico do personagem que vive pela necessidade da adrenalina.

Henry Galsky: [Áudio 6] Tem essa questão da imagem. Existe uma ideia de uma vida cheia de aventuras, talvez. E tem muito a ver com essa questão de fama, de quem aparece na televisão. Eu não dou a menor importância para isso, realmente. E há uma glamourização de que esse é um trabalho que é muito diferente em relação aos outros.

Yan Boechat 8: [Pt 1 16:40] Há um glamour em cima de quem vai fazer essas coberturas. Sempre teve, né? Eu acho que é o mesmo glamour de um aventureiro. É o glamour de quem atravessa essa fronteira. O cara foi lá experimentar os limites da vida, digamos assim, de certa forma, né?

Michel Gawendo 5: [Pt 1 14:24] Eu não gosto de mostrar jornalista cobrindo guerra como herói ou como alguém mais importante, alguém que cobre congresso ou que cobre política. Eu acho que todo mundo é importante, cada lugar tem as suas características, mas tem que estar disposto, como eu disse antes. Eu acho que é uma espécie de vocação.

Caio 35: Essa disposição ou determinação para trabalhar como correspondente de guerra é necessária, porque apesar de todo o glamour que muitos filmes retratam, eles muitas vezes deixam de fora uma questão central: o perigo.

"Cobrir uma guerra significa ir a lugares dilacerados pelo caos, destruição e morte, e tentar testemunhar. Significa tentar encontrar a verdade em uma tempestade de areia de propaganda quando exércitos, tribos ou terroristas entram em conflito. E sim, isso significa correr riscos, não apenas para você, mas frequentemente para as pessoas que trabalham perto de você."

Caio 36: Essa frase é de Marie Colvin, uma das mais famosas e prestigiadas correspondentes de guerra de todos os tempos. Ela a proferiu durante um discurso na igreja de St. Bridge de Londres em 2010, para homenagear os jornalistas mortos em zona de combate.

Denise Odorissi 4: [07:17] Assim, os riscos são todos calculados, né? Claro que se está num país em guerra, você tem riscos que são... Que passam longe do seu cálculo, claro. Mas dentro do que é possível, você calcula o risco. Então, eu sempre, assim, óbvio, eu tomei medidas de precaução, eu fiquei sempre avaliando todos os dias se era para ir embora ou se era para ficar e tal. Mas não tem como você abandonar o seu trabalho nesse momento, entendeu? Quer dizer, tem, né? Você não é obrigado a nada, você pode ir embora. Mas não faz sentido se você está lá para isso, né?

Caio 37: Para Colvin, *"jornalistas que cobrem combates carregam grandes responsabilidades e enfrentam escolhas difíceis. Às vezes, eles pagam o preço final"*, e ela, mais do que ninguém, entendeu bem o que é isso.

Caio 38: Se você nunca ouvir falar dela, quando a ver, será difícil de esquecer. Em abril de 2001, quando cobria a guerra civil no Sri Lanka, Colvin foi atingida por estilhaços de uma bomba que explodiu próximo de onde estava. Resultado: ela perdeu o olho esquerdo, e passou o resto da sua vida utilizando um tapa-olho, o que viria a se tornar uma de suas marcas características.

Caio 39: Após décadas trabalhando como correspondente de guerra em vários países, como Kosovo, Chechênia, Serra Leoa, Zimbábue e Sri Lanka, Colvin faleceu em 22 de fevereiro de 2012, enquanto cobria o cerco de Homs, na guerra civil da Síria.

[BG] - Vírgula sonora

Caio 40: Em 2023, segundo um relatório do Comitê para a Proteção dos Jornalistas, Gaza foi o lugar mais mortal para jornalistas. Pelo menos 103 profissionais morreram em 150 dias em Gaza. Como então se proteger e minimizar os riscos ao cobrir esses conflitos?

Denise Odorissi 5: [31:11] Eu acho que assim, eu, principalmente falando por mim, por exemplo, eu não vou entrar sozinha na faixa de Gaza. De jeito nenhum. Eu digo assim. Eu e minha equipe. Entendeu? Não vou. De jeito nenhum. Porque eu acho que não compensa o risco. Eu não quero. Eu acho que não compensa. Nem que seja. Nossa. Olha Denise. A única jornalista brasileira. Que entrou na faixa de Gaza. E entrou sozinha. Com a equipe dela. Não compensa para mim. O risco. Que eu vou. Passar lá.

Yan Boechat 9: [Pt 1 11:34] Várias vezes eu decidi não seguir em frente, assim. Várias vezes. De chegar num ponto, olhar a situação e falar cara, daqui eu não passo, porque acho que está muito perigoso, e retornar. E talvez não ter uma grande foto, não ter a grande história. E eu optei, porque a minha avaliação de risco ali dizia que era para eu não seguir em frente. Isso já aconteceu diversas e diversas vezes, e com colegas também que não queriam seguir, e eu queria ficar mais tempo, os colegas não querem ficar mais tempo. As pessoas têm umas intuições meio malucas assim, né, mas acontece direto.

Michel Gawendo 6: [Pt 2 01:33] Eu acho que na cobertura de guerra o risco tem que ser calculado. Quanto maior o risco, melhor vai ser a sua reportagem. Certo? Mas eu acho que não vale. Eu acho que não. Eu, pessoalmente, não coloco a minha vida em risco. Eu acho que nenhum trabalho, nenhum salário, nenhuma reportagem vale você morrer.

Caio 41: Para quem olha de fora, pode parecer que tudo aquilo é uma loucura, e que o repórter está sempre colocando sua vida em risco.

Michel Gawendo 7: [Pt 2 02:15] De dentro, talvez eu não veja isso. Isso é um perigo também, isso é uma coisa importante, é um ponto importante, porque muitas vezes o

jornalista já se sente seguro. Falar, não, eu já conheço, não vai dar nada. E é esse que é o ponto de perigo. Quando você se sente seguro o suficiente e aí já se sente relaxado e deixa de tomar as precauções.

Caio 42: O Direito Internacional Humanitário possui leis entre as suas normas que protegem os jornalistas em conflitos armados. O Artigo 4º A da Terceira Convenção de Genebra e o Artigo 79 do Protocolo Adicional I, prevêm que os jornalistas estão qualificados para ter todos os direitos e proteções concedidos aos civis durante conflitos armados internacionais. O mesmo vale para os conflitos armados não internacionais em virtude do Direito Internacional Consuetudinário. Isso tudo além das próprias regras locais, estabelecidas por cada país, o que infelizmente, claro, não é uma garantia 100% de segurança.

Michel Gawendo 8: [Pt 2 10:36] Cada país, cada local tem as suas regras, existe uma convenção internacional de que a imprensa não pode ser atingida, mas acontece. Acontece muitas vezes de forma proposital, acontece muitas vezes o que a gente comentou antes, de jornalistas que querem assumir um risco maior e acabam se envolvendo em situações de morte, situações de conflito, de bomba ou de tiroteio, ou acabam sendo atingidos. Então, é sempre, em qualquer conflito, é sempre uma questão delicada a relação da imprensa, principalmente com militares.

Caio 43: Do ponto de vista do Direito Internacional, correspondentes de guerra são civis. A diferença é que além de formalmente autorizados a acompanhar as forças armadas, os correspondentes de guerra têm direito ao status de prisioneiro de guerra. Essas leis, o capacete e o famoso colete azul escrito "PRESS" são as únicas proteções disponíveis para os correspondentes em campo.

Michel Gawendo 9: [Pt 2 04:43] Primeiro, equipamento de segurança. Colete e capacete nas regiões onde há necessidade de uso de colete e capacete. Nem sempre tem necessidade, nem sempre é esse o perigo, mas onde for recomendado pelas autoridades. Depois, o que eu sempre, aqui, sempre procuro é onde eu chego, onde estiver, qualquer lugar, para onde eu possa me proteger num caso de ataque com foguetes ou mísseis, sem procurar um bunker ou um local onde eu possa me esconder.

Caio 44: Isso porque nem sempre o próprio veículo de imprensa ao qual o jornalista trabalha disponibiliza algum tipo de seguro. Geralmente, em trabalhos em que há algum tipo de risco, os profissionais recebem uma espécie de seguro caso alguma coisa aconteça. No caso dos correspondentes de guerra, porém, às vezes, eles estão em campo por conta própria.

Yan Boechat 10: [Pt 2 21:16] Depende do veículo, né? Os últimos que eu tenho trabalhado, sim, eu tenho seguro, mas já trabalhei várias vezes sem seguro. Muitas vezes o equipamento de segurança é meu, eu que fiz o investimento. Mas depende, grandes veículos têm essa preocupação, veículos menores não. Quando você é freelancer, então aí a pessoa conta em risco. Enfim, varia muito, cara.

Caio 45: Mesmo com a proteção do Direito Internacional, cobrir guerra pode acarretar ainda outras consequências para os repórteres. De acordo com psicólogos, o estresse pós-traumático visto em soldados, sobreviventes de guerra e desastres naturais também pode acontecer com os correspondentes.

Caio 46: Dessa forma, como lidar com o estresse psicológico de uma vida em constante risco? Como esses profissionais lidam com a preocupação de seus familiares? E como eles conseguem trabalhar presenciando constantemente pessoas em situações delicadas de sofrimento?

Caio 47: A resposta para essas e outras perguntas ficarão para o segundo episódio do nosso programa. Espero vocês lá.

[BG] - Música de encerramento

Créditos

Este podcast é um projeto de trabalho de conclusão de curso em Jornalismo, apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

A produção, direção, roteiro, edição e apresentação são minhas, Caio César Pereira. Com as participações de Denise Odorissi, Yan Boechat, Michel Gawendo e Henry Galsky.

Locuções adicionais de Caroline Alves

Orientação geral Prof. Dr. Vitor Blotta

Roteiro Podcast TCC Episódio 2

[BG] - Vírgula sonora

Caio 1: No jornalismo, uma das áreas mais populares e bem conceituadas é o de correspondente internacional, principalmente o correspondente de guerra. Porém, enquanto em cursos, palestras, entrevistas e etc, muito se fala sobre o jornalismo de guerra, pouco acaba sendo falado sobre o jornalista.

[BG] - Vírgula sonora

Caio 2: Olá, aqui quem fala é Caio César, e sejam bem-vindos novamente ao podcast "NOME DO PODCAST. Depois de aprendermos um pouco mais sobre a profissão do correspondente de guerra, suas motivações e os riscos envolvendo essa ocupação, vamos ver quais os efeitos colaterais que a exposição a tantos riscos e estresse gera.

Caio 3: Hoje, no segundo e último episódio da nossa série, vamos aprofundar em um tópico relativamente pouco falado sobre a vida desses profissionais: as consequências psicológicas e o desgaste físico e mental que podem resultar dessa experiência.

Caio 4: Antes, vale um pequeno lembrete. Nesse episódio contaremos com alguns relatos dos correspondentes de situações vividas por eles durante suas coberturas. Algumas situações são bastante delicadas e contam com um alto grau de violência. Para pessoas que estejam passando por uma situação mais sensível no momento ou possuam algum tipo de gatilho, fica o aviso.

[BG] - Vinheta de Abertura

Caio 5: Cobrir uma guerra não é apenas uma questão de estar presente fisicamente em zonas de conflito, e como vimos anteriormente, muitas vezes começa antes mesmo do repórter chegar ao local. Ela exige também uma preparação mental e emocional intensa para lidar com o estresse extremo, a violência e a constante ameaça de perigo.

Caio 6: Mas para além dos estudos de geopolítica e história, primeiros socorros, e outros cursos e treinamentos especializados, o correspondente de guerra precisa ter um preparo emocional para lidar com tudo o que ele vai testemunhar.

Yan Boechat 1: [Pt 1 08:36] E mesmo fazendo o curso, tem uma questão que é central, eu acho, que é de como você vai lidar emocionalmente com aquela situação. Porque é uma coisa que é imprevisível para qualquer um.

Caio 7: Mesmo já tendo coberto conflitos na Síria, Iraque, Afeganistão, República Democrática do Congo, Egito, Líbano, e mais recentemente Ucrânia e Gaza, para Yan

Boechat, não existe uma forma específica de como se preparar para um conflito. A realidade da guerra vai muito além do que qualquer prognóstico.

Yan Boechat 2: [Pt 1 09:01] Não sei se tem um tipo de preparação psicológica, para ser sincero. Não sei se você consegue... se preparar psicologicamente para lidar com o que envolve ali aquelas situações. Porque você está permanentemente vivendo situações muito básicas da humanidade, que é sobreviver, viver, morrer, entender que você... que o fim pode estar próximo. São questões que eu acho que pegam a cada pessoa de forma muito diferente, de acordo com o teu... com a tua vivência, né?

Michel Gawendo 1: [Pt 1 11:18] Então, os perigos são diferentes, conflitos são diferentes, e por mais que se preparem, que as pessoas se preparem psicologicamente, falando que estão indo para uma área de conflito, que eu coloque minha vida em risco, pode ser que eu veja gente sofrendo, gente ferida, pessoas mortas, ouça tiros, ouça bombas, você nunca sabe qual vai ser a reação até você estar exatamente em contato com a realidade.

Então, a preparação psicológica, eu acho que ela tem que ser técnica, porque é de cada pessoa, cada pessoa vai saber como pode ser.

Ela não sabe como lidar com as emoções, mas ela tem que ver com aquela preparação técnica que eu disse antes, conhecer o local, conhecer os perigos, a cultura local, e saber onde vai estar pisando.

Caio 8: Essa preparação psicológica é muito mais individual e delicada, já que nada é capaz de preparar uma pessoa civil para o que ela vai presenciar em uma guerra. Quem explica melhor isso é Luís Galeão, professor de psicologia social no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Luís Galeão 1: [01:45] É, eu acho que é sempre uma questão delicada, né, o que que é a preparação para uma situação de conflito, né. Porque, de alguma forma, o repórter, a repórter são civis que estão indo para uma região, para uma área de confronto, que existe. Tanto o risco à própria saúde, como o contato com situações graves, né, com situações de violência, e também dilemas em relação a essas situações. Tanto o risco à própria saúde, como o contato com situações de violência, porque na guerra a informação é parte, é instrumento da guerra, né, então, quando você tá diante de uma situação de guerra, você também tem dilemas em relação àquilo que você pode ou não expor, etc.

Caio 9: Neste cenário, Galeão reforça que a melhor preparação possível para lidar com esse tipo de situação seja algo prático e objetivo.

Luís Galeão 2: [03:03] Eu entendo que a questão da preparação é muito prática, no sentido de que, que tal vocês dizerem, se prepararem objetivamente para terem condições de se reportar, de saberem o que está acontecendo, de terem informações sobre o que está acontecendo, de saber que aquilo não é um videogame, não é uma distância segura que você está entrando em contato com essas situações. Então, acho que é muito importante. É muito importante uma preparação no sentido objetiva mesmo, sabe? De preparação, de saber onde está indo, quais são os conflitos, quais são os dilemas que estão presentes nesse local, quais são as dimensões daquela

cultura, se não for a própria cultura da pessoa, porque, eventualmente, pode ser uma pessoa que esteja lidando com situações de guerra dentro do próprio país, dentro da sua própria cultura.

Caio 10: A estrutura mental e emocional intensa para lidar com o estresse extremo, a violência e a constante ameaça de perigo faz com que aqueles que não estejam preparados de fato decidam voltar para o país de origem rapidamente. Correspondentes de guerra precisam ter ou desenvolver uma resiliência psicológica para suportar as realidades brutais que irão testemunhar.

Yan Boechat 3: [Pt 1 09:58] Uma coisa certa, assim, as pessoas que não conseguem, não conseguem ficar muito tempo, sabe? Elas são jogadas para fora um pouco rápido, assim. Porque eu acho que é o maior desafio, é esse desafio na tua cabeça, né?
[Pt 1 10:44] Quando você vai para ambientes lá onde, de fato, as coisas podem dar errado, né? É preciso ter uma certa característica emocional, talvez, não sei direito, né? Para conseguir lidar com aquele processo ali, né? E não é simples, às vezes eu me pego, sinto às vezes, super... Eu me desestabilizo às vezes também, né?
Para, pensar e tal.

Caio 11: No mundo hiperconectado de hoje, com as pessoas sendo assoladas por informações o tempo todo, e onde tudo acontece ao mesmo tempo no mundo, o jornalista precisa estar sempre atento, e informado. Isso, por si só, já demandaria um certo preparo psicológico, mas a natureza das notícias e do trabalho do próprio jornalista faz com que essa preparação seja ainda mais necessária.

Denise Odorissi 1: [11:40] Eu acho que a profissão do jornalista, ele exige preparo psicológico desde sempre, porque, assim, por exemplo, quando eu entrei, você vai entender a comparação que eu vou fazer, quando eu entrei num dos kibbutzim atacados pelo Hamas, então, você chega lá, as casas queimadas, né, aquele cheiro ruim no ar, porque os corpos queimaram ali, e brinquedo de criança, e quartinho de criança todo, cheio de marca de tiro, é horrível, é horrível, mas, pra mim, não foi mais chocante isso do que entrar, por exemplo, numa favela que acabou de ter uma operação policial no Brasil, entendeu? Ou de ir lá numa cena de acidente que morreram seis pessoas na estrada, e a estrada tá cheia de sangue, entendeu? Porque eu acho que esse tipo de coisa são tragédias humanas em diferentes proporções, mas que quando você chega lá, você se choca pelas viagens, pelas histórias individuais, entendeu?

Caio 12: Quando pensamos em jornalismo de guerra ou de conflitos armados, logo vem à nossa mente cenas em lugares como o oriente médio, países africanos, ou agora mais recentemente no leste europeu, por exemplo. Mas, como mencionado pelo professor Galeão, diversos cenários de devastação e morte são vistos muitas vezes em lugares aqui dentro de nosso próprio país. Cenas com marcas de sangue em paredes e corpos espalhados pelo chão não são coisas que acontecem somente em guerras geopolíticas pelo mundo

Denise Odorissi 2: [12:45] Pô, isso é chocante, mas pra mim também é chocante quando eu fazia esse tipo de matéria em São Paulo, entendeu? Ou pra repórteres do Rio que sobem o morro, como eu disse, e vão lá noticiar uma chacina, isso é chocante, entendeu? Então, assim, é claro que um conflito como esse, ele tem proporções

globais, tá todo mundo falando sobre isso, mas se você pegar a essência da coisa, é isso, é a falência humana, entendeu? Na minha opinião, sabe? Então, eu acho que esse preparo psicológico, o jornalista tem que ter desde sempre.

Henry Galsky: [Áudio 5] A preparação psicológica tem muito a ver com o grau de esforço mental que é necessário fazer para cobrir esse tipo de evento. Eu trabalho sete dias por semana, entre sete da manhã, meia-noite, uma hora da manhã, todos os dias. E é uma pressão muito grande que eu faço comigo mesmo, de me manter sempre atualizado. Também é uma questão do idioma, então eu preciso entrevistar pessoas em inglês, preciso entrevistar pessoas em hebraico. Então tem essas alterações permanentes. Então eu sinto muito. Muitas vezes levar, que eu estou levando o meu cérebro no limite dele. Talvez não seja o limite de todo mundo, mas o meu. Então isso me desgasta bastante.

Caio 13: Essa preparação, em grande parte, só acontece na prática, porque cenários de tragédia como os vistos na guerra são ainda piores do que as imagens mostradas por jornalistas e cinegrafistas nos noticiários e programas de televisão. Além dos elementos impossíveis de serem transmitidos através da tela (como o cheiro, por exemplo), a busca de um melhor enquadramento, ou mesmo o tempo de tela, entre outros fatores, acabaram deixando muita coisa de fora, coisas que só o jornalista testemunha.

Denise Odorissi 3: [13:19] A primeira matéria que eu fiz que eu vi algo chocante, realmente, eu tinha 22 anos, e eu não dormia à noite porque eu vi esse exemplo de seis corpos no chão na estrada, porque tinha tido um acidente, e eu fiquei super chocada, entendeu? Então, eu acho que aí começa o preparo do repórter, porque o repórter, ele vê as coisas que estão acontecendo, ele crua, entendeu? O que você vê na televisão não é o que eu tô vendo, porque a televisão, ela vai escolher uma imagem que não é muito chocante, ela não vai mostrar o corpo, ela não vai mostrar o sangue, ela vai... Antigamente até mostrava, né, o Aqui e Agora, essas coisas e tal. Hoje em dia já existe um filtro maior. Então, eu acho que é isso, sabe? Você tem que estar preparado para ver a falência humana mesmo e noticiar aquilo. Ah, mas você vai se emocionar? Vai, vai se emocionar, vai ficar mal, vai ficar pensando depois, entendeu? Mas é isso, esse é o seu trabalho, sabe?

Caio 14: Mas para além de todo o estresse e tensão em viver em um ambiente que parece uma panela de pressão o tempo todo, parte do desgaste está também no fato de presenciar de forma constante corpos e pessoas em situações de sofrimento.

Henry Galsky: [Audio 7] Isso é um esforço muito grande, porque eu tive, do lado aqui de Israel, eu tive com pessoas, principalmente daqueles kibbutzim, daquelas comunidades do sul de Israel que foram atacadas no dia 7 de outubro, com pessoas que passaram 18 horas dentro de um quarto, esperando a situação melhorar e ouvindo o barulho da morte ao redor de si. Eu tive com pessoas que perderam toda a família.

Também eu estive no lugar onde estavam os corpos das mulheres israelenses que foram encontrados estuprados, mulheres mutiladas e violentadas das maneiras mais bárbaras que você pode... Eu nem imaginava que esse tipo de coisa. Isso acontecia, então é muito difícil. Não imaginava como ficava o corpo dessas pessoas.

Enfim, é terrível. E, ao mesmo tempo, eu falo com palestinos que relatam situações também de igual sofrimento, de perda e de precisar se deslocar internamente na faixa de gases de um ponto até o outro, diversas vezes, é difícil se manter indiferente a isso. E eu acho que não é a nossa missão se manter indiferente, porque nós somos seres humanos e é natural que a gente se solidarize com essas questões.

Michel Gawendo 2: [Pt 1 16:50] Agora, não é fácil. Você vê as pessoas sofrendo, você vê as pessoas feridas, você vê o perigo, você vê bomba. Ao mesmo tempo, você tem que ter uma distância. O jornalista é um observador. Você tem que ter uma distância, saber se colocar nessa distância para fazer a pergunta, para trazer, por exemplo, reportar. A função do jornalista é muito fácil. É mostrar, olha, está acontecendo isso e contar o que está acontecendo. Se for a imagem, mostrar a imagem. Se for uma pessoa, saber também. Ter também a sensibilidade de saber o que perguntar, e saber sentir se a pessoa está disposta a falar.

[Pt 1 18:15] Eu acho que isso também é responsabilidade do jornalista, saber também onde parar e até onde expor as pessoas para respeitar a dignidade também de pessoas que já estão numa situação difícil.

Caio 15: Apesar da necessidade de desenvolver uma certa dureza e um distanciamento para continuar realizando seu trabalho, esses jornalistas não se tornam insensíveis ao que veem. A exposição contínua à violência pode criar uma camada de resistência, uma espécie de armadura emocional até, mas isso não significa que os correspondentes de guerra se tornem indiferentes ou se acostumam com o que presenciam.

Michel Gawendo 3: [Pt 1 15:32] Nunca se torna fácil. Você pode se acostumar, mas nunca se torna fácil. Faço uma comparação um pouco exagerada, mas é uma comparação que eu acho que ela... Um médico, quando ele vai operar, uma pessoa... Eu acho que médico é muito mais importante que jornalista, mas só para a gente ter uma base de comparação. Quando ele vai operar uma pessoa, um cirurgião, ele não pode ter sensibilidade a ver corte, a ver sangue ou a ver anatomia, né? Fazendo essa comparação um pouco esdrúxula, exagerada, é isso. O jornalista, quando está cobrindo a guerra, ele tem que saber diferenciar. Você está lá, você é um profissional. Lógico, outra vez, não é uma ciência exata, mas é um profissional que está cumprindo uma missão, está cumprindo um contrato, tem um dever, tem uma obrigação, tem um compromisso, tem ética, tem responsabilidade.

Yan Boechat 4: [Pt 2 05:32] Eu acho que tem uma parada um pouco ruim que você vai se tornando uma pessoa um pouco mais amarga, né? Vai se tornando uma pessoa menos crente, mais cínica, talvez, mais pessimista, né?

Eu acho que esse é um lado bastante negativo de fazer uma cobertura dessas. Porque você começa a se tornar um cara mais... Menos... Menos esperançoso, né?

E não sei se isso é um passo bom para qualquer ser humano, né? Você não tem esperança, né? Então... Acho que esse é um dos problemas, eu acho, de fazer essas coberturas, né? Você é um cara mais... Mais duro, né? De certa forma, eu acho. E não sei se isso é muito bom ou não.

Caio 16: Mas para além do pessimismo, os correspondentes de guerra podem muitas vezes ter problemas psicológicos graves. As consequências e traumas psicológicos resultantes das situações de estresse e brutalidade podem acompanhar os correspondentes durante e até muito tempo depois de sua cobertura. A rotina exaustiva de trabalho e a exposição prolongada a violência faz com que muitos correspondentes de guerra relatem sofrer de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e até mesmo outras condições .

Michel Gawendo 4: [Pt 1 12:30] Eu conheço muita gente que tem isso. Tem jornalistas que têm sinais, ou têm alguns tipos de sintomas de estresse post-traumático. Porque, acontece, eu posso dar meu exemplo pessoal nessa guerra que foram, nos primeiros quatro meses, foi uma cobertura muito intensa.

Então, eu me lembro na primeira folga que eu peguei, que eu consegui respirar. Aí eu comecei a relembrar, porque a adrenalina, no dia a dia, vamos pensar que você está cobrindo uma guerra, mas tem horários a cumprir, você tem texto, você tem que posicionar a câmera, você tem que procurar os melhores ângulos, procurar entrevistas, ou seja, toda a parte, vamos dizer, técnica.

Então, você não pode ficar lidando com medo e não pode ficar lidando com trauma. E nem dá tempo, na verdade. Então, chega uma hora que sim, eu acho que cobra um preço psicológico.

Eu, por estar já há 20 anos e ter passado por conflitos aqui, principalmente entre israelenses e palestinos, não posso dizer que eu me acostumei, mas eu tenho uma experiência necessária para saber, mais ou menos, onde, como me colocar, onde me colocar, saber o que eu posso esperar.

Henry Galsky: [Audio 12] Agora, eu posso dizer que está mais difícil. Muito difícil dormir, é um cansaço extremo. Eu estou, são oito meses de guerra, eu estou há oito meses trabalhando praticamente de forma ininterrupta todos os dias. É muito cansativo. É, está bastante cansativo mesmo.

Caio 17: O problema é que mesmo nos dias de folga, é bem difícil conseguir relaxar. Para um correspondente de guerra, a zona de conflito não é apenas um local de trabalho, mas também onde eles passam a viver durante o dia-a-dia. A realidade da guerra transforma cada aspecto de sua vida diária, com um constante estado de alerta onde não há escape do conflito, nem mesmo durante os momentos que deveriam ser de descanso. Imagine acordar um dia com um foguete caindo na porta da sua casa?

Denise Odorissi 4: [14:36] Olha, assim, durante essa guerra, eu acho que eu fiquei bem abalada emocionalmente, mas não tanto pela cobertura em si, mas principalmente pelo fato de estar morando no país em guerra, entendeu?

Porque é muito, é completamente diferente você ser enviado pra cobrir isso e você morar onde isso está acontecendo. Porque aí eu lembro que depois de um mês ou três semanas, sei lá, trabalhando todos os dias, todos os dias, de manhã, de tarde, de noite, entrava ao vivo de madrugada, entrava ao vivo de manhã, e vai pra fronteira com Gaza, e vai pra fronteira com Líbano, e a gente tava tudo moído, né, minha equipe

cansadíssimo, aí a minha chefia falou, não, descansa esse fim de semana então, tal, não sei o quê, não trabalha esse fim de semana.

Só que assim, gente, a guerra tá acontecendo, entendeu? Então assim, eu não tava trabalhando, entrando no ar, mas eu tava dormindo no bunker, eu tava ouvindo o sirene tocar lá fora, entendeu? Eu tava preocupada que ia cair um foguete na minha casa, como caiu um foguete na porta da minha casa, então, então assim, você continua vivendo aquilo, sabe?

SONORA REPORTAGEM DENISE ODORISSI

Luís Galeão 3: [08:39] Existem algumas situações em que a própria pessoa passa por risco de morte, né, porque não deixa de ser. Depende de quando a pessoa se aproxima das situações de combate, mas, de qualquer maneira, sempre é do jeito que a guerra moderna é, né? Em que muitos civis são atingidos, em que muitas vezes a guerra é levada para trás das linhas, né, de combate, para as situações de mais combate. Então, mesmo aqueles repórteres que não estão, por exemplo, numa linha de guerra, né, numa trincheira, numa situação de violência, né, não vão reportar, como aqueles repórteres lá no Vietnã iam lá reportar as lutas muito proximamente daquilo que estava acontecendo, você está numa possibilidade, numa cidade, num lugar onde pode haver um bombardeio, onde pode haver um ataque. Você está no meio daquela conflagração muito grande. Então, evidentemente, existem graus de estresse muito grandes nessa situação, e muito provavelmente de sofrimento psicológico, tanto pelo que é visto, quanto pelo que é sentido, pelas identificações que a pessoa tem com as pessoas que estão ali. Então, de repente, você vê situações em que a vida cotidiana existe e que está sendo afetada pela guerra. Não deixa de ter elementos da sua própria vida, e talvez retornando para o seu país, ou retornando para uma zona mais segura, em que isso afeta a experiência psicossocial de uma pessoa no seu cotidiano também, né, percebe? Quer dizer, o seu cotidiano pode ser rompido a qualquer momento numa guerra

Denise Odorissi 5: [15:52] Você é o jornalista que tá lá noticiando, mas você também é uma pessoa que está afetada pela guerra, entendeu? Não estou me comparando com as vítimas, com quem perdeu família, porque não tem comparação, mas estou dizendo que eu também estava vivendo a guerra com uma pessoa morando ali, então isso eu fiquei, eu fiquei bastante abalada.

[16:13] Ah, eu fiquei, sei lá, tendo pesadelo, fiquei com essas coisas na pele de tipo umas manchas, assim, que a dermatologista colocaria emocional, por causa de estresse, sei lá, essas coisas, assim, sabe? E aí, enfim, foi um dos motivos, realmente, que eu quis sair, porque eu pedi para sair de Israel, né, depois de sete meses em guerra, eu fiquei um ano e meio lá, depois de sete meses cobrindo a guerra, eu pedi para vir para cá, porque realmente não estava mais rolando para mim, todos os dias, acordar esperando alguma grande tragédia acontecer, porque numa guerra você não sabe o que vai acontecer.

Caio 18: Diversos estudos já mostram que os jornalistas acabam sofrendo dos mesmos problemas psicológicos dos soldados que retornam de missões militares. Diversas são as pesquisas que mostram que os correspondentes de guerra têm uma probabilidade igual ao dos combatentes veteranos a desenvolver transtorno de estresse pós-traumático.

Luís Galeão 4: [07:06] Nos Estados Unidos, que tem muitas guerras, e que manda muitos repórteres para essas guerras, e tem várias situações de ter que cuidar das pessoas depois que elas vão para a guerra, eles desenvolveram um conceito que é o transtorno de estresse pós-traumático, que é bastante usado na psiquiatria estadunidense, na psicologia estadunidense, porque eles vão muito para a guerra, eles têm muitas guerras, então, e essa ideia da reportagem na guerra, é alguma coisa bastante presente, ao meu ver, na mídia estadunidense, né? Então, eles relatam bastante, há bastante literatura sobre isso, de que as pessoas têm mais consequências psicológicas, têm mais frequência de depressão, de situações de sofrimento psicológico nessa situação.

Caio 19: Um estudo publicado na revista médica *Psychiatric Quarterly* em 2021, reúne pelo menos 10 anos de pesquisa mostrando os efeitos deste transtorno em jornalistas correspondentes de guerra. O próprio Departamento de Assuntos de Veteranos dos EUA, uma agência voltada para tratar tópicos relacionados aos veteranos de guerra, aborda esses efeitos psicológicos nesses profissionais.

Caio 20: O transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) é uma condição mental que pode se desenvolver após uma pessoa ter passado por um evento traumático, como um acidente, agressão, guerra ou desastre natural. Os sintomas são variados e podem mudar de pessoa para pessoa, mas podem incluir flashbacks, pesadelos, evitação de situações relacionadas ao trauma, ansiedade extrema e etc.

Luís Galeão 5: [11:55] É menos os sintomas e mais, uma coisa que a gente fala em psicologia que é a intensidade dessas vivências, sabe? Então, não é tanto assim. Ah, a pessoa tem... Uma pessoa que passa por uma situação muito traumática, pode ter vários sintomas posteriores disso. Fobias, dificuldades de sono, dificuldade de relacionamento, né? Dificuldade de se readaptar à rotina. Então, são várias situações possíveis, né? E nós que vivemos no Brasil muitas situações de conflagração, temos isso, né? Tem pessoas que, ao passarem por situações de muita violência, passam por isso mesmo. Não são pessoas que passam por situações de muita violência, não estão sendo correspondentes de guerra. Então, não é tanto de uma natureza particular de quem vive o estresse-prose traumático, e mais aquilo que é a intensidade, né? De manifestações, de dificuldades, de dificuldades de relação, de experiência emocional, né?

SONORA DE REPORTAGENS COM JORNALISTAS EM SITUAÇÕES DE RISCO E PERIGO:

Caio 21: Um exemplo famoso dessas consequências podem ser vistas em Fergal Keane, renomado e multi-premiado jornalista e correspondente de guerra irlandês, reconhecido por seu trabalho na rede britânica de comunicação BBC. O veterano repórter de guerra e autor de vários livros, trabalhou como correspondente para a BBC desde 1980, cobrindo diversas guerras pelo mundo, como a Guerra do Kosovo, a do Iraque, Afeganistão e o genocídio em Ruanda em 1994.

SONORA DOCUMENTÁRIO DE FERGAL KEANE FALANDO SOBRE SUA CONDIÇÃO

Caio 22: Após décadas de atividade, em 2008 ele foi diagnosticado com transtorno de estresse pós-traumático, mas só tornou público seu diagnóstico em 2020, quando decidiu se aposentar da cobertura de conflitos.

SONORA DOCUMENTÁRIO DE FERGAL KEANE FALANDO SOBRE SUA CONDIÇÃO

Caio 23: Porém não são só os jornalistas in loco que sofrem com as angústias da guerra. Quando comentei com minha mãe, por exemplo, da possibilidade de cobrir uma guerra um dia, ela respondeu com um grande tom de reprovação. Assim como no caso dos soldados, os familiares dos correspondentes também acabam sofrendo à distância, preocupados com o que pode estar acontecendo com o repórter nos fronts dos conflitos.

Yan Boechat 5: [Pt 1 03:35] Eu acho que eles não tinham muita noção de onde exatamente eu estava indo, né? Eles entendiam que eu estava indo para um lugar estranho, para um lugar relativamente perigoso. Mas, assim, a família da Baixada Fluminense, no Rio também, tem uma... Acho que tem uma... Tipo, tem uma... É mais elástico, né? O sentido do que é perigoso ou não. E eu me lembro que a primeira vez que a minha mãe realmente ficou preocupada comigo foi quando eu apareci na band na Ucrânia, uma vez. Ela estava bombardeada por aquilo tudo e ela achou... Meu filho, o que você está fazendo? Falei assim, porra, mãe, faz 20 anos que eu estou fazendo isso, entendeu? Agora é a primeira vez que você me viu na TV, né? Então tem isso.

Michel Gawendo 5: [Pt 1 03:30] Eu vou contar isso com um exemplo que aconteceu comigo. Eu estava já aqui, eu não me lembro se foi em 2010, 2008, por aí. Eu estava cobrindo o caso de um engenheiro brasileiro que tinha desaparecido no Iraque. Então, a suspeita é de que ele tinha sido sequestrado por alguma milícia, por algum grupo iraquiano, então houve uma movimentação diplomática, vieram representantes do Brasil e começaram a se movimentar pelo Oriente Médio.

E, durante isso, eu tive que ir para Amman, na Jordânia, porque ali é onde se concentravam as atividades diplomáticas do Brasil, e também para Beirute, no Líbano. E aí eu me lembro que um dia, meu pai, meu pai já falecido, mas na época ele me liga e diz "eu abri o jornal e vi você assinando uma reportagem a partir de Beirute". Quer dizer, ele levou um susto.

Então, a família, de uma maneira geral, se acostuma. Porque, por exemplo, hoje em dia eu sou casado, eu tenho filhos, então para eles já é normal, já é realidade.

Caio 24: Mas a preocupação natural de quem fica também está no fato delas não terem uma exata noção do que de fato está acontecendo.

Denise Odorissi 6: [05:16] Então, eu lembro que uma amiga minha falava assim, nossa, mas como assim você está andando de bicicleta durante a guerra? Aí eu falei assim, porque eu preciso ir até o mercado e eu tenho que ir de bicicleta. Tipo, que

coisa! Porque dá essa impressão de que a vida para, né? Então, assim, claro que a vida fica diferente, a rotina fica diferente, principalmente nos primeiros dias. Mas acontece um movimento lá pela terceira semana, assim, que a vida tem que voltar ao normal, porque as pessoas têm que continuar comendo, enfim, né?

[07:02] Todo mundo... Ai, mas você tem certeza que você vai ficar aí? Você vai... Por que você não sai daí? Aproveita os voos de repatriação da FAB, né? E eu falei, gente, mas assim, é tipo um bombeiro falar, ai, peraí que eu estou com medo do incêndio e vou embora. Assim, esse é o meu trabalho, né? O meu trabalho é justamente estar nessa região de conflito.

Michel Gawendo 6: [Pt 1 05:09] É lógico que eles exigem o tempo todo, existe esse lado, claro, a preocupação, você está cobrindo uma guerra, o tempo todo perguntando, a gente tem os códigos de que sempre, a cada duas ou três horas, mandar uma mensagem, ou se atualizar, ou sempre dizer, onde você vai estar, eu sempre digo para minha família aqui, onde eu vou estar, ou se há alguma mudança, porque eles acompanhando também as notícias, às vezes acontece alguma coisa grave e eles sabem que eu vou estar nessa região, então sempre há uma preocupação. Mas família de jornalista acaba se acostumando, acaba se acostumando porque é a realidade, eles não conhecem outras realidades.

[05:58] Mas quem está de fora, por exemplo, vamos dizer, a família mais longe, primos, vamos dizer, não a família é um núcleo pessoalmente familiar, as pessoas têm medo, as pessoas sentem receio, as pessoas do Brasil, todos os meus parentes e minha família no Brasil, sempre, principalmente quando começa o conflito, nos primeiros dias, nas primeiras semanas, as pessoas escrevem onde você está, você está bem, às vezes você nem está perto ainda do perigo ou está se sentindo, o jornalista se sente, vamos dizer, seguro dentro das condições de uma guerra, mas para quem vem de fora, tenho sempre uma grande preocupação.

Caio 25: Apesar de todos os riscos e desafios envolvidos, o trabalho dos correspondentes de guerra é vital para a nossa sociedade. Eles são os olhos e ouvidos do mundo, trazendo e contando as histórias que, de outra forma, nunca seriam reveladas. Os correspondentes de guerra desempenham um papel essencial na documentação da história em tempo real, e sem eles, diversas das atrocidades e injustiças cometidas durante a história permaneceriam nas sombras.

Caio : Todos os conflitos que acontecem mudam o curso da história. Mesmo o das histórias locais, em conflitos geograficamente pequenos, até os grandes e de escalas regionais e globais, todos eles causam um impacto na história do mundo.

Denise Odorissi 7: [28:11] A gente só sabe os horrores que aconteceram, por exemplo, na segunda guerra mundial, porque isso foi reportado, entendeu? Então Tiveram lá os jornalistas fazendo o seu trabalho, fotógrafos de guerra fazendo o seu trabalho. E é por isso que a gente sabe o que aconteceu. É por isso que a gente sabe de que maneira isso mudou o mundo, de que isso mudou, o curso da história. E a gente sabe que isso não pode acontecer, de novo. Entende? Então

assim, o trabalho do jornalista não é só num conflito, mas sempre. Ele existe para justamente registrar o que acontece e registrar as consequências do que acontece.

[29:02] Eu acho, jornalisticamente falando, não é sobre mostrar a marca de tiro na parede, entendeu? É sobre mostrar as consequências para aquela sociedade.

Michel Gawendo 7: [Pt 1 33:12] Eu acho que esse é o grande papel da imprensa, né? Fazer não só reportar, não só mostrar o que está acontecendo, mas contextualizar. Mostrar por que está acontecendo, como está acontecendo. As pessoas têm muito... Tem muito acesso à informação e isso prejudica, porque não sabe. A grande imprensa tem que ter o papel da credibilidade, tem que manter a credibilidade para poder contextualizar, para mostrar a imagem geral, não só mostrar isso. Olha, bombardeou, saiu uma bomba daqui, caiu aqui. Por que que essa bomba saiu, quando que começou, quem morreu, quem não morreu, quem atacou, porque atacou, o que pode acontecer, como acontece, por que não aconteceu.

[BG] - Vírgula sonora

Caio 26: Bom, é isso, chegou ao fim o nosso especial “NOME DO PODCAST”. Esperamos que essa visão um pouco mais humanizada do trabalho e vida do correspondente de guerra tenha trazido uma nova compreensão sobre a importância desse trabalho. Obrigado por nos acompanhar até aqui, se cuidem, e até a próxima. Tchau!

Créditos

Este podcast é um projeto de trabalho de conclusão de curso em Jornalismo, apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

A produção, direção, roteiro, edição e apresentação são minhas, Caio César Pereira. Com as participações de Denise Odorissi, Yan Boechat, Michel Gawendo, Henry Galsky e Luis Galeão.

Locuções adicionais de Anderson Lima

Orientação geral Prof. Dr. Vitor Blotta